

A FLORICULTURA PAULISTA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO A PARTIR DA COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS

*The paulista floriculture: an exploratory study based on primary
data collection*

*La floricultura paulista: un estudio exploratorio a partir de la
recolección de datos primarios*

DOI: 10.48075/igepec. v29i1.33937

João Pedro Ferreira Nogueira
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ/USP

Aniela Fagundes Carrara
Universidade Federal da São Carlos – UFSCar

A FLORICULTURA PAULISTA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO A PARTIR DA COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS

The paulista floriculture: an exploratory study based on primary data collection

La floricultura paulista: un estudio exploratorio a partir de la recolección de datos primarios

João Pedro Ferreira Nogueira¹
Aniela Fagundes Carrara²

Resumo: Considerando o destaque que o estado de São Paulo tem na produção de flores e plantas ornamentais, o presente estudo objetivou realizar uma análise exploratória acerca de aspectos característicos relativos à produção da floricultura no estado de São Paulo, por meio da coleta de dados primários, obtidos via aplicação de questionário eletrônico aos agentes da cadeia produtiva. Como resultado, obteve-se a ratificação da literatura publicada até então, ou seja, a floricultura paulista caracteriza-se por ser um segmento tradicional e consolidado, com características tais como altos níveis de cooperativismo, elevada rentabilidade, pertinência na geração de vagas de trabalho, inexpressiva inserção internacional, comercialização centrada em cooperativas, distribuidores e atacadistas, dentre outras.

Palavras-chave: Floricultura, São Paulo, Produção.

Abstract: Considering the prominence that the state of São Paulo has in the production of flowers and ornamental plants, this study aimed to carry out an exploratory analysis of the characteristics of floriculture production in the state of São Paulo, by collecting primary data, obtained through the use of an electronic questionnaire to agents in the production chain. As a result, the literature published so far was confirmed, i.e. São Paulo floriculture is characterized as a traditional and consolidated segment, with characteristics such as high levels of cooperation, high profitability, pertinence in generating job vacancies, inexpressive international insertion, marketing centered on cooperatives, distributors, and wholesalers, among others.

Key words: Floriculture, São Paulo, Production.

Resumen: Considerando la relevancia del estado de São Paulo en la producción de flores y plantas ornamentales, el presente estudio tuvo como objetivo realizar un análisis exploratorio sobre los aspectos característicos de la producción de floricultura en el estado de São Paulo, a través de la recolección de datos primarios, obtenidos mediante la aplicación de un cuestionario electrónico a los agentes de la cadena productiva. Como resultado, se obtuvo la ratificación de la literatura publicada hasta el momento, es decir, la floricultura paulista se caracteriza por ser un segmento tradicional y consolidado, con características como altos niveles de cooperativismo, elevada rentabilidad, pertinencia en la generación de empleo, escasa inserción internacional, comercialización centrada en cooperativas, distribuidores y mayoristas, entre otros.

Palabras clave: Floricultura, São Paulo, Producción.

¹ Economista. Mestrando em Economia Aplicada na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ/USP. E-mail: joaopedrofnogueira@usp.br

² Economista. Dr^a em Economia Aplicada – ESALQ/USP. Docente do Departamento de Economia da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: anielacarrara@ufscar.br

INTRODUÇÃO

O debate acerca da floricultura se inicia pela própria definição do termo, dado que Rocha e Pires (1996) a entende apenas como a junção dos processos para o desenvolvimento de flores, enquanto Silveira (1993), em linhas gerais, apresenta uma definição mais abrangente, que diz respeito ao cultivo de plantas voltadas para à ornamentação, englobando flores de cortes, sementes, bulbos, rizomas e mudas de árvores. Nesse sentido, deve-se enfatizar que na presente pesquisa, a definição utilizada será a de maior cobertura de produtos.

A floricultura possui relevância econômica, haja vista o número de empregos na cadeia em 2022 (266,8 mil postos de trabalho) e o valor significativo de 18,36 bilhões de reais encontrado para o produto interno bruto (PIB) da cadeia brasileira de flores e plantas ornamentais também em 2022, calculado a partir de metodologias de evolução de preços e volumes dos produtos do setor para a série histórica, que se iniciou em 2017 (ano em que o PIB já apresentava o resultado pertinente de 10,01 bilhões a preços de 2022), em iniciativa conduzida pela parceria entre o Instituto Brasileiro de Floricultura (IBRAFLOR) e o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA/Esalq/USP).

Ademais, a literatura identifica que do ponto de vista social, a atividade florícola também é relevante, pois, é uma atividade intensiva em mão de obra, dado que conforme Francisco, Pino e Kyuna (2003), cada 1 milhão investido no setor repercute em 404,24 novos postos de trabalho - patamar de geração de emprego quase quatro vezes maior que outros mercados agropecuários – que na visão dos autores, são ocupados por trabalhadores que tendem a ter melhor nível de qualificação, em detrimento de outros setores rurais. Fenômeno este que é reflexo do elevado uso de tecnologia na produção, como observam Barros et al. (2022), IBRAFLOR (2021) e Oliveira et al. (2021).

Não obstante, o setor também se destaca por seu elevado rendimento (Marques, 2002), dado que segundo Terra e Zuge (2012), os produtos da cadeia em questão, possuem valor comercial superior ao de outros setores agropecuários, como a horticultura e fruticultura, bem como, apresentam retorno de modo geral rápido, como consequência das espécies cultivadas terem ciclos curtos, contribuindo, portanto, para a elevação do orçamento dos minifúndios, de modo que contribui para a fixação da população no campo, conforme argumentam Smorigo e Jank (2001).

Em relação ao papel ecológico da floricultura, Junqueira e Peetz (2018) entendem que o setor, ao longo do tempo, de modo geral, tem se portado de maneira responsiva à sustentabilidade, ainda que questões relativas à extrativismos, contrabandos, ausência de identidades regionais e à legislação brasileira, apareçam no debate, como salientam também Terra e Zuge (2012), todavia, esses aspectos são muito pouco abordados em publicações científicas, havendo forte necessidade de maior produção de literatura (Junqueira e Peetz, 2018).

Nesse sentido, tem-se que a floricultura possui elementos que a destacam no âmbito econômico, social e ambiental, o que por si só embasaria a justificativa para a propostas de pesquisa sobre o setor. Porém, também deve-se considerar como outra motivação fundamental para a execução de estudos tais como o presente trabalho, as lacunas existentes na literatura que tange à floricultura. Já que na maioria das pesquisas acadêmicas publicadas, discussões relativas a temáticas próprias da análise econômica são consideravelmente menos frequentes, em comparação a análises agronômicas e de panoramas conjunturais do segmento, conforme identificam Esperança, Lírio e de Mendonça (2011).

Ademais, há importantes restrições nas escassas bases de dados sobre esse mercado, sendo estas reconhecidas pela própria literatura, haja vista que no entender também de Esperança, Lírio e de Mendonça (2011) os dados do setor não são contínuos, divergem entre si e possuem categorias não homogêneas.

Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi realizar uma análise exploratória acerca de aspectos característicos relativos à produção da floricultura no estado de São Paulo, que é a unidade federativa que concentra o segmento, tal como lembram Oliveira et al. (2021) e Barros et al. (2022). Sendo que a hipótese inicial foi de que o perfil da produção paulista não mudou no período recente e ainda é marcado por tradição no mercado, impactos positivos de avanços jurídicos, como a Lei de Proteção de Cultivares, elevado índice de cooperativismo, rentabilidade alta, significativa geração de postos de trabalho, suscetibilidade à sazonalidade e a efeitos ambíguos de crises atípicas, como a pandemia da Covid-19, diversidade de produtos, baixa inserção internacional e comercialização centrada em cooperativas, distribuidores e atacadistas, conforme identificam estudos, como o de Neves e Pinto (2015).

De modo a cumprir o objetivo proposto, foi aplicado um questionário eletrônico aos agentes produtores e/ou agentes econômicos diretamente envolvidos com a produção e comercialização de flores e plantas ornamentais no estado de São Paulo ou envolvidos com cooperativas sediadas nesse estado.

Em complemento, convém pontuar os dois principais pontos de inovação que o presente estudo apresenta em relação às iniciativas já disponíveis na literatura. Em primeiro lugar, o trabalho utilizou como área de aplicação do questionário toda uma unidade da federação, no caso São Paulo, não se limitando apenas a recortes municipais, como fizeram Alvarenga, Silveira e Buainain (2023) em sua iniciativa focada em Holambra (SP) e como fez Teixeira (2022) em sua iniciativa centrada em Barbacena (MG).

Em segundo lugar, a pesquisa adota uma abordagem exploratória e abrangente, abarcando, em um único questionário, diversos aspectos da cadeia produtiva. Foram incluídos temas como perfil das empresas, caracterização da produção, distribuição das mercadorias, importações de insumos, inserção nacional e internacional, entraves à exportação, geração de emprego, cooperativismo, faturamento, impactos da pandemia e propriedade intelectual. Tal abordagem contrasta com a realizada em estudos anteriores, os quais se concentraram em aspectos específicos do setor. Por exemplo, Alvarenga, Silveira e Buainain (2023), focaram na identificação de riscos, Teixeira (2022) se limitou a analisar os impactos da pandemia, e Sá e Saes (2015) analisaram exclusivamente questões relacionadas à propriedade intelectual no segmento.

A partir de tais inovações, o trabalho contribui para o progresso científico do setor, pois, busca produzir dados primários para gerar um panorama abrangente e completo dos principais temas pertinentes à floricultura paulista, segmento de relevância comprovada, mas que ainda é pouco estudado, como exposto acima.

Por fim, vale enfatizar que o presente trabalho está estruturado em quatro seções além da presente introdução, sendo que na seção de número dois está exposto o referencial bibliográfico, a seção de número três contém a metodologia aplicada; a quarta apresenta os resultados e a discussão a respeito das informações levantadas; por fim, a seção de número cinco se atém as considerações finais do artigo.

2– REVISÃO DE LITERATURA

Essa seção tem como propósito reunir o que a literatura concernente ao objeto de estudo aponta, de modo a possibilitar uma melhor compreensão dos resultados obtidos e das discussões por estes sustentadas.

2.1 – Aspectos gerais da produção, distribuição e comercialização da floricultura

De acordo com Esperança, Lírio e de Mendonça (2007), em decorrência de fatores climáticos e de solo, indispensáveis à atividade, o Brasil é apto a floricultura, sendo que no país, enquanto atividade, segundo Junqueira e Peetz (2008), essa se vale de mecanismos como, por exemplo, cultivo protegido, uso de substratos e condicionadores e fertirrigação, ou seja, da elevada inserção tecnológica, sobretudo na parte mais organizada da cadeia produtiva, como argumentam Oliveira et al. (2021).

Uma vez que, como destacam Oliveira et. al. (2021), é enorme a quantidade de produtos que podem ser atribuídos a floricultura, existe na literatura várias propostas de segmentar os produtos em distintas tipologias, por exemplo, Castro et al. (1992) *apud* Smorigo (2001) propõem a seguinte divisão: flores de corte; flores de vaso; plantas de interior e paisagismo; flores e plantas tropicais. Já Arruda, Olivette e Castro (1996) separam as mercadorias nas seguintes classificações: flores e folhagens de corte; flores e plantas envasadas; mudas de plantas ornamentais; outros produtos da floricultura. Ao passo que Neves e Pinto (2015) utilizam as categorias que se seguem: flores e folhagens de corte; flores e plantas em vaso; plantas ornamentais para paisagismo, exceto gramas. Enquanto o Censo Agropecuário de 2017 promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), se vale das tipologias seguintes: flores e folhagens para corte; gramas; plantas ornamentais em vaso; mudas de plantas ornamentais; plantas, flores, folhagens medicinais; sementes (produzidas para plantio); mudas e outras formas de propagação (produzidas para plantio). Entretanto, em que pese a heterogeneidade das categorias, de um modo geral, a tipologia que diz respeito a produção envasada se apresenta como a mais relevante economicamente, sendo justamente essa a parte da cadeia que tende a se concentrar no estado de São Paulo, conforme Aki e Perosa (2002).

Quanto à caracterização das propriedades, conforme Barros et al. (2022), a floricultura é uma atividade bastante adaptada aos minifúndios, sendo que há no Brasil, um forte carácter concentrador da pequena propriedade, haja vista que os dados do último censo agropecuário realizado pelo IBGE, datado de 2017, aponta que mais da metade das propriedades tinham de zero a menos de cinco hectares.

Em termos de emprego gerado, como já citado, a floricultura ganha precípua centralidade, levando em conta, que conforme explicitam Esperança, Lírio e de Mendonça (2007), em cada hectare são empregados por volta de oito trabalhadores, quantia esta que pode variar de acordo com o sistema de produção, espécie desenvolvida e período do ano, haja vista, que em épocas de produção, essa quantidade pode se aproximar de vinte.

Em se tratando da distribuição da produção, Neves e Pinto (2015), identificam quatro maneiras principais de distribuição das mercadorias desse setor do agronegócio, quais sejam: (i) venda direta entre produtor e consumidor final; (ii) atacado especializado; (iii) varejo composto por hipermercados e floricultura; (iv) serviços (paisagismo, decoração e análogos). De modo complementar, Barros et al. (2022) entende como uma tendência da contemporaneidade a expansão do *e-commerce* nesse setor como canal de venda pertinente, que na visão de Anacleto et al

(2021), bem como, na de Horen (2022), se intensificou a partir da experiência no período da pandemia da Covid-19.

Não obstante, vale ressaltar, conforme Anefalos e Guilhoto (2003) que a disseminação de tais mercadorias para o mercado internacional ocorre via grandes centros atacadistas. Por fim, ainda sobre esse tema, centrando-se na atividade desenvolvida no interior paulista, deve-se frisar a relevância das cooperativas na distribuição das mercadorias, como ressaltam o trabalho realizado por Alvarenga, Silveira e Buainain (2023).

No que tange ao consumo, Neves e Pinto (2015) enfatizam que o setor visa abastecer principalmente o mercado interno, sendo que esse consumo em países emergentes, como o Brasil, é marcado pelas seguintes características identificadas por Junqueira e Peetz (2010), quais sejam: (i) pequeno consumo *per capita*; (ii) pequena quantidade relativa de compradores; (iii) predominância de produtos consagrados; (iv) significativo efeito de sazonalidade.

Sobre o mercado exterior dos produtos da floricultura, deve-se ponderar, mormente, que este é um mercado extremamente concentrado pela Holanda, a quem se credita mais de 48% da movimentação internacional, de acordo com Junqueira e Peetz (2008). Como consequência desse domínio holandês, da preconização do mercado interno, bem como, de uma série de características presentes no território nacional, que funcionam como entraves à exportação, das quais podem se citar: (i) ausência de tradição e *know-how* (Okuda, 2000); (ii) questões tributárias (Smorigo, 2000); (iii) necessidade de maior padronização inclusive no que tange à ordem fitossanitária (Smorigo, 2000); (iv) divergências entre os agentes do segmento (Aki, 1997); (v) insuficiência logística (Grisotto, 2019), a inserção do Brasil no comércio internacional é irrisória.

Em complemento, no tocante às exportações, é imperioso pontuar que conforme o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA, 2023) até julho de 2023, o grupo denominado de plantas vivas e produtos da floricultura movimentou a quantia da ordem de US\$ 8.776.732 em exportações, sendo que em 2021 o total exportado para os 15 principais destinos (Holanda, EUA, Itália, Uruguai, Tailândia, Bélgica, Espanha, Japão, França, China, Alemanha, Canadá, Bolívia, Hong Kong e Rússia) foi de US\$ 16.446.523, segundo Barros et al. (2022) a partir de Brasil (2022).

Já no que tange às importações do setor, deve-se explicitar que em 2021 o total importado dos principais fornecedores (Holanda, Taiwan, Tailândia, Japão, Chile, EUA, Itália, Colômbia, Equador, China e Alemanha) das principais mercadorias demandas pelo Brasil (Mudas de orquídeas, Material propagativo em repouso vegetativo, Rosas e mudas de outras plantas ornamentais) correspondeu a US\$ 29.244.525, de acordo com Barros et al. (2022) a partir de Brasil (2022), bem como, que o Brasil apresenta caráter estrutural de importador, de modo que demanda material vegetal básico para reprodução e subsequente exportação (Neves e Pinto, 2015).

Por fim, convém destacar como o mercado, em geral se comporta mediante efeitos de choque de diferentes naturezas, tais como crises econômicas e pandemias, assim sendo, vale destacar o forte efeito negativo que a crise financeira de 2008 teve na floricultura brasileira, visto, por exemplo, na queda das exportações, conforme enfatizam Neves e Pinto (2015).

No que diz respeito à pandemia, Barros et al. (2022) afirmam que o segmento se mostrou mais resistente aos efeitos negativos do período pandêmico em relação aos demais setores da economia mundial, haja vista que impactos negativos mais expressivos são vistos somente nos primeiros meses da emergência sanitária, como comprova a queda em mais de 4,12 bilhões de euros entre março e abril de 2020 no

mercado florícola da União Europeia, conforme dados da Associação Internacional de Comércio de Flores (UNION FLEURS, 2020).

Em seguida desse choque negativo inicial, entretanto, configurou-se, em geral, um quadro de crescimento da demanda dos produtos envasados, em razão da maior popularização da jardinagem durante o período de isolamento, a despeito da diminuição da demanda por flores de corte, que se explica pela redução de festas e eventos, tais quais casamentos durante as medidas de contenção de fluxo de pessoas (Barros et al., 2022).

2.2 – HISTÓRICO DA FLORICULTURA PAULISTA

No Brasil, o início da floricultura, como sustentam Junqueira e Peetz (2008), dá-se de modo complementar à atividade fruticultureira, contudo de forma bastante amadora, segundo Neves e Pinto (2015), tendo como principal objetivo o abastecimento de demandas domésticas, tal como salientam Tsuboi e Tsurushima (2009). Em vista disso, bem como considerando a insuficiência logística no transporte de produtos notórios por sua fragilidade e perecibilidade (Batalha e Buainain, 2007), a floricultura surge em pequenos sistemas de produção eminentemente familiar (Grisotto, 2019) e no entorno dos centros urbanos, como explicitam Oliveira e Brainer (2007), assim como, Silva (2012).

Centrando-se especificamente no estado de São Paulo, como argumentam Neves e Pinto (2015), a difusão da floricultura se inicia com os fluxos da imigração holandesa para o entorno Holambra, no pós Segunda Guerra Mundial e com os fluxos da imigração japonesa na década de 1950, para o entorno de Atibaia e de Mogi das Cruzes.

Entretanto, a consolidação da cadeia produtiva nessas regiões ocorre apenas mais tarde, em 1982 no polo de Holambra, a partir da inserção de divisão concernente ao segmento na Cooperativa Agropecuária de Holambra (CAPH), de acordo com Junqueira e Peetz (2008). E assim como reforça Torres (2015), tal fato contribuiu para evidenciar o forte aspecto associativista do setor desde seu início, conforme ressalta Grisotto (2019).

Nas décadas subsequentes, o Brasil e o estado de São Paulo avançaram em termos de legislação, infraestrutura, centros de distribuição, instituições e iniciativas estatais voltadas à floricultura, como argumentam Neves e Pinto (2015) e Barros et al. (2022), como bem exemplificam o surgimento do Instituto Brasileiro de Floricultura (IBRAFLOR) em 1994 (Kampf, 1997; Oliveira; Brainer, 2007; Torres, 2015; Neves; Pinto, 2015; IBRAFLOR, 2022); a inserção do Mercado de Flores e Plantas Ornamentais no CEASA Campinas em 1995 (Oliveira; Brainer, 2007; Neves; Pinto, 2015); a divisão da Cooperativa Agropecuária de Holambra (CAPH) em 1995 que originou duas cooperativas de suma importância para o setor que seguem modelos distintos de funcionamento, quais sejam, Veiling Holambra e Cooperflora (Neves; Pinto, 2015); a promulgação em 1997 da lei 9.456 também referida como Lei de proteção dos cultivares relativa à defesa da propriedade intelectual (Anefalos; Guilhoto, 2003; Junqueira; Peetz, 2008) e a inauguração do mercado atacadista de produtos do segmento denominado de Ceaflor em 2019 (Ceaflor, sd). Como consequência, pode-se afirmar que o país tem se dinamizado e caminhado para a inserção de modelos de qualidade internacional de gestão e governança, como salientam, Junqueira e Peetz (2008), bem como, Silva (2012).

Fenômeno que se reflete nos números do setor, como indicam Barros et al. (2024), que entre 2017 e 2022, o PIB da cadeia de flores e plantas ornamentais teve crescimento de 83,43%, atribuído sobretudo ao crescimento de 42,4%, nesse período,

do volume de produção agregado, o qual, em resumo, demonstra que a cadeia vem proporcionando quantidades crescentes de mercadorias para o consumidor final interno e externo.

2.3– CARACTERIZAÇÃO DO FLORICULTOR E DA FLORICULTURA PAULISTA

Como já informado, a floricultura paulista se apresenta como a mais significativa do país, posto que segundo IBRAFLOR (2018) *apud* Oliveira et al. (2021), no estado existem por volta de 8.250 produtores que em 350 hectares de terra produzem mais de 350 espécies e mais de 3.000 variedades. Em decorrência dessa diversificação bem como, por diferenças edafoclimáticas entre os municípios, são diversos os sistemas de produção e perfis de produtores encontrados no estado (Neves e Pinto, 2015).

Entretanto, de um modo geral e em comparação com os outros estados, a floricultura paulista, sobretudo nas regiões de maior organização e uso de tecnologia, é formada por produtores tecnificados e detentores de melhor capacidade gerencial, e que tal qual no restante do Brasil desenvolvem a atividade majoritariamente em minifúndios, ainda que o estado detenha os maiores produtores nacionais, como reconhecem também Neves e Pinto (2015). No caso da floricultura paulista, pode-se exemplificar a tecnificação da cadeia pela utilização de diversas técnicas de produção (campo, telado e estufa) de acordo com Souza et al. (2020), bem como pela ação de empresas com foco em P&D no estado, como é o caso da Incotec, multinacional holandesa que se dedica, por exemplo, à pesquisa de revestimento de sementes e possui filial no município de Holambra (Anefalos; Guilhoto, 2003) e da Ball Horticultural do Brasil, empresa presente em 18 países, com sede também em Holambra, que se dedica ao desenvolvimento e distribuição de mercadorias florícolas.

A caracterização exposta acima foi confirmada por um estudo recente de Alvarenga, Silveira e Buainain (2023), haja vista que segundo os participantes da pesquisa promovida por tais autores, agentes do mercado do polo produtor holambrense seguem as seguintes características: (i) maioria por volta dos 50 anos e com ensino superior (66,67%); (ii) experiência média de 24,33 anos; (iii) quase a metade (48,89%) tem atividades complementares; (iv) o número médio de espécimes produzidas por cada produtor é próximo a 14; (v) maioria se dedica à produção envasada (68,89%); (vi) maioria da produção realizada em estufas (74%); (vii) tamanho médio da propriedade de 304,02 mil metros quadrados; (viii) área média dedicada à floricultura é de 85,83 mil metros quadrados; (ix) número médio de empregados é próximo a 73; (x) 68,89% usam empréstimos como forma de financiar ou investir e (xi) 91,11% apontam o uso da cooperativa como estratégia de marketing.

Entretanto, como destacado acima, ainda é pouco expressiva a literatura acerca da temática, de modo que novas pesquisas que busquem explorar o assunto são de extrema pertinência, assim sendo, o presente artigo ganha especial relevância.

2.4– DISTRIBUIÇÃO E CONCENTRAÇÃO REGIONAL DA ATIVIDADE NO ESTADO DE SÃO PAULO

No entender de Oliveira *et al.* (2021), floricultura no Brasil pode ser considerada uma atividade pulverizada. Contudo, quando se centra na parcela mais organizada do segmento, ou seja, essencialmente o entorno de Holambra e Atibaia, notório pelo maciço uso de tecnologia nos cultivos florícolas, como ressalta Oliveira *et al.* (2021), nota-se significativa concentração regional, como explicitam as análises de Nogueira e Carrara (2024), sendo este um aspecto histórico da cadeia, de acordo com Batalha e Buainain (2007).

Nesse sentido, conforme Barros *et al.* (2022), o estado de São Paulo concentra a atividade florícola no Brasil em várias análises possíveis. Tanto no que tange à área de cultivo, em que é responsável pela parcela 35,2%, conforme IBGE (2019), quanto no que concerne à participação nos valores de venda, em que fica responsável pela parcela de 58%, além de figurar, não obstante, no posto de maior consumidor do país nesse mercado (Barros *et al.*, 2022).

Dentro do estado de São Paulo, a produção tende a se concentrar em áreas de desenvolvimento histórico, sendo as regiões de maior destaque o entorno dos municípios de Holambra e Atibaia, além de outras regiões de menor significância, ainda que absolutamente pertinentes, como, as regiões de Mogi das Cruzes e Ibiúna, como destacam, Neves e Pinto (2015) e Nogueira e Carrara (2024).

Em complemento, sobre o domínio paulista no segmento, Neves e Pinto (2015) apontam como fatores determinantes: (i) tradição; (II) elevado índice de associativismo; (iii) proximidade e presença de companhias fornecedoras de tecnologia, insumos e serviços; (iv) existência de grandes centros consumidores; (v) vantagens em logística e infraestrutura, em relação aos demais estados. Ainda que os mesmos autores identifiquem algumas desvantagens para o estado de São Paulo: (i) questões climáticas; (ii) alto custo de mão de obra; (iii) alto custo da terra; (iv) carga tributária maior em relação as demais regiões do país.

Por fim, deve-se reforçar que por mais que a predominância paulista vigore, como sustentam os dados acima, recentemente polos produtores tem se firmados em outras unidades federativas (Junqueira e Peetz, 2008), caso do Rio Grande do Sul, como demonstram Lange e Arend (2014).

3– METODOLOGIA

A aplicação de questionário é uma fonte eficiente e confiável de coletar informações (Melo e Bianchi, 2015), já que se trata de uma forma organizada de conseguir na população pesquisada informações adicionais e complementares sobre determinado tema a respeito do qual já se possui certo grau de domínio (Silva *et al.*, 1997). Portanto, a coleta de dados primários é instrumento coerente com os objetivos propostos, como evidencia sua utilização em trabalhos análogos, como Toniasso *et al.* (2024) que investigaram a agricultura familiar e o associativismo rural no Mato Grosso do Sul; Marchi, Santos e Vieira (2024) que conduziram um estudo acerca da agricultura familiar em Dianópolis - TO; Souza Lourenço e Oliveira (2023) que averiguaram alterações nos padrões tecnológicos da avicultura de corte; Alvarenga, Silveira e Buainain (2023) que analisaram os riscos à floricultura em Holambra - SP; Teixeira (2022) que avaliou os possíveis impactos da pandemia para os produtores de plantas e flores ornamentais em Barbacena – MG; Barreiros, Prottil e Rodrigues (2000) que analisaram fatores de influência do processo decisório nas cooperativas agropecuárias do Paraná.

Entretanto, o uso de questionários também apresenta limitações como enfatizam Vasconcellos-Guedes e Guedes (2007) e Gil (1987). Dessa forma, visando reduzir a abrangência dessas limitações foram feitas as seguintes escolhas: (i) inclusão de apenas questões fechadas, de modo a facilitar a tabulação dos dados coletados; (ii) aplicação de um questionário exclusivamente eletrônico via internet; (iii) estruturação utilizando o formulário automatizado da Google, preocupando-se com a disposição das perguntas e respostas, tanto no que tange a quesitos estéticos (alinhamento), quanto no que tange à continuidade (sequência lógica), em consonância às recomendações de Melo e Bianchi (2015); (iv) caracterização da participação na pesquisa como voluntária, sendo incluído no questionário um termo de consentimento livre e esclarecido; (v) não inclusão de perguntas obrigatórias.

Dessa forma, a execução desta metodologia foi implementada por meio da aplicação de um questionário eletrônico composto por 34 perguntas, exposto no anexo³, a 16 agentes produtores e/ou agentes econômicos diretamente envolvidos com a produção e comercialização de flores e plantas ornamentais no estado de São Paulo ou envolvidos com cooperativas sediadas nesse estado, que conforme evidenciado na revisão de literatura, são responsáveis por grande parte da produção brasileira, logo são bons representantes do mercado que se pretende investigar, dessa forma, o estudo caracteriza-se como exploratório. É importante ressaltar que o questionário foi encaminhado para mais de uma centena de produtores de flores e plantas ornamentais do estado e as respostas foram obtidas de forma aleatória. Sendo o período de aplicação, de maio a setembro de 2023.

Vale pontuar que as 34 questões foram divididas em 4 seções, a primeira seção, composta por 8 perguntas se voltou à caracterização das empresas produtoras participantes, as próximas 7 perguntas se dedicaram a caracterização da produção e são agrupadas na segunda seção, as próximas 19 perguntas se centraram no tópico de exportação, sendo divididas em 3 seções, quais sejam, a que perguntava se a empresa exporta ou já exportou, a que se voltava aos participantes que nunca exportaram e se compunha apenas de 1 pergunta a respeito da justificativa desse cenário e a que abrangia as 17 perguntas restantes que se voltavam aos que exportam ou já exportaram.

Em complemento, é fundamental que se evidencie que para a análise dos dados coletados, foi aplicada estatística descritiva, mais precisamente, medidas de posição e dispersão conforme recomendam Toledo e Ovalle (1982).

4– RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em atenção ao objetivo proposto, qual seja, caracterizar a floricultura paulista, inicialmente buscou-se analisar o período de consolidação do polo florícola paulista, ou seja, quando este se formou e o grau de rotatividade dos produtores no setor, nesse sentido inicialmente questionou-se aos participantes, há quantos anos sua empresa (empresa pela qual é responsável) está no mercado, como resultado, a literatura foi ratificada, haja vista que 93,8% dos participantes informaram que estão nesse mercado a pelo menos mais de uma década, uma vez que a maioria, 9 agentes (56,3%) responderam que estão a 20 anos ou mais; 2 agentes (12,5%) responderam que estão a mais de 15 anos e menos de 20 anos; 4 agentes (25%) responderam que estão a mais de 10 anos e menos de 15 anos; 1 agente (6,3%) respondeu que está mais de 1 ano e menos de 5 anos.

³ O questionário foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. CAAE 65059222.7.0000.5504.

Tal resultado constitui uma vantagem competitiva relevante para os produtores de flores paulistas, tendo em vista que conforme argumentação de Barney (1991) e Oliver (1997), organizações de longa história no segmento tendem ter acumulado mais recursos e capacidades, que são em última instância a base de sua vantagem competitiva, dessa forma, empresas de grande tradição tendem a apresentar vantagens em termos de maior reconhecimento de marca, reputação sólida, base de clientes consolidada, larga rede de contatos, atração de talentos e cultura organizacional, por exemplo.

Depois, inqueriu-se quanto ao nível de associativismo do setor e novamente obteve-se a corroboração da literatura, que como dito anteriormente, descreve a floricultura no Brasil como atividade de forte caráter associativista, na medida em que foram obtidas 14 respostas afirmativas (87,5%) e somente 2 respostas negativas (12,5%), quando se perguntou aos participantes se sua empresa (empresa pela qual é responsável) integra alguma cooperativa ou associação de produtores.

O resultado acima exposto pode ser visto como positivo, tendo em vista que conforme a literatura consagrada, as cooperativas de produtores de flores são responsáveis por grandes avanços no setor no Brasil, nesse sentido, Neves e Pinto (2015) argumentam que as organizações de produtores foram responsáveis por reduzir a participação de intermediários, ampliar a eficiência logística, institucionalizar o setor juntamente com o Ibraflor, estabelecer padrões de qualidade e divulgar o setor através de feiras e exposições, por exemplo. Como consequência, os agentes puderam auferir maiores margens e alcançar novos mercados. Em acréscimo, vale destacar que as cooperativas do setor mais proeminentes no estado de São Paulo e no Brasil são, Veiling Holambra e Cooperflora, localizadas na região de Holambra, e Associação dos Floricultores da Região da Via Dutra (AFLORD) e Cooperativa Agrícola de Flores de São Paulo (SPFLORES) localizadas na região de Mogi das Cruzes.

As duas próximas questões inquiriram quanto ao grau de internacionalização, tamanho e expansão regional do setor, primordialmente, questionou-se se a sede de sua empresa (empresa pela qual é responsável) é no Brasil, e as 16 respostas (100%), ou seja, sua totalidade foram afirmativas, logo após, inqueriu-se quanto a existência de filiais, pergunta a qual, 15 agentes (93,8%) responderam de modo negativo e 1 agente (6,3%) respondeu de modo afirmativo e que a filial em questão localiza-se no Brasil, porém, fora do Estado de São Paulo.

Tais respostas dão indicações do que já é relatado, tanto no que tange a baixa internacionalização da floricultura brasileira, quanto ao processo ainda discreto de expansão da atividade para outros estados menos tradicionais que São Paulo no segmento. Entre as justificativas para baixa internacionalização, verificam-se, como mencionado na revisão de literatura, problemas tributários, barreiras fitossanitárias, divergências entre os elos da cadeia, reduzida tradição e *know-how* e questões de infraestrutura logística, já no que tange a dificuldade de espalhamento da cadeia para outros estados, pode-se mencionar, questões climáticas, custos maiores de produção e tributários, incentivos locais, e questões de infraestrutura, como evidencia a análise realizada por Neves e Pinto (2015).

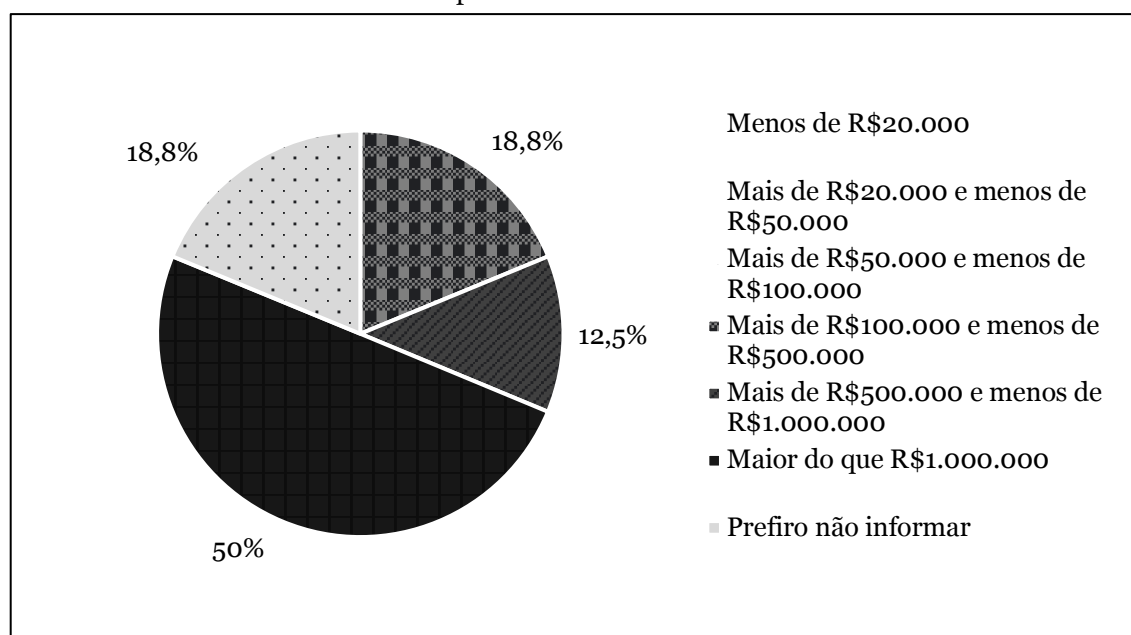
As duas próximas perguntas buscaram avaliar o entendimento assíduo na literatura de que a floricultura é atividade de destaque no que tange a viabilidade econômica e rentabilidade, para tanto além do faturamento, inqueriu-se também quanto a necessidade de realizar atividade complementar, como resultado, obteve-se ratificação da literatura. Visto que apenas 12,5% da amostra, ou seja, 2 agentes de 16, relataram que atuam em outro mercado, de modo que, 14 participantes

(87,5%) informaram que se dedicam exclusivamente a cadeia de flores e plantas ornamentais.

No que tange a esse resultado, vale duas ponderações: a primeira de que a diversificação rural, não se aplica fortemente à atividade florícola, tendo em vista seu elevado faturamento, a alta empregabilidade, a diversidade de espécies que compõem as mercadorias da floricultura, que exigem recursos distintos e se destinam a mercado e públicos diferentes e o elevado grau de tecnologia empregado na floricultura paulista, consenso na literatura. A segunda é de que essa especialização que no caso da floricultura dá-se em minifúndios, reflete-se em especialização de municípios e tem beneficiamento local, de modo análogo à cultura da uva no Rio Grande do Sul, que tende a se correlacionar positivamente com o desenvolvimento regional, o que recomenda o setor para ser alvo de políticas públicas, como demonstra o trabalho de Oliveira, Kuhn e Pereira (2009).

Não obstante, quanto ao faturamento, as respostas se dispuseram da seguinte forma, exposta no Gráfico 1, que confirma o entendimento de alta rentabilidade, haja vista que a maioria dos entrevistados (62,5%) escolheu as alternativas correspondentes as 2 maiores faixas de faturamento disponíveis, sendo válido comentar, em acréscimo, que 18,8% dos que responderam optaram pela opção que não revela o faturamento, limitando a análise.

Gráfico 1- Faturamento anual médio da empresa



Fonte: Elaboração própria.

Ainda nesse tema, durante o envio do questionário de modo eletrônico, um dos participantes, respondeu a contatação com o seguinte comentário, que também agem no sentido de confirmar a hipótese de elevada rentabilidade no setor: “Somente uma observação sobre o faturamento... os valores colocados na pesquisa são muito abaixo do valor real de faturamento de muitas empresas que são especializadas no ramo de produção de flores!”; “Pode adicionar um zero em cada uma das faixas de faturamento”.

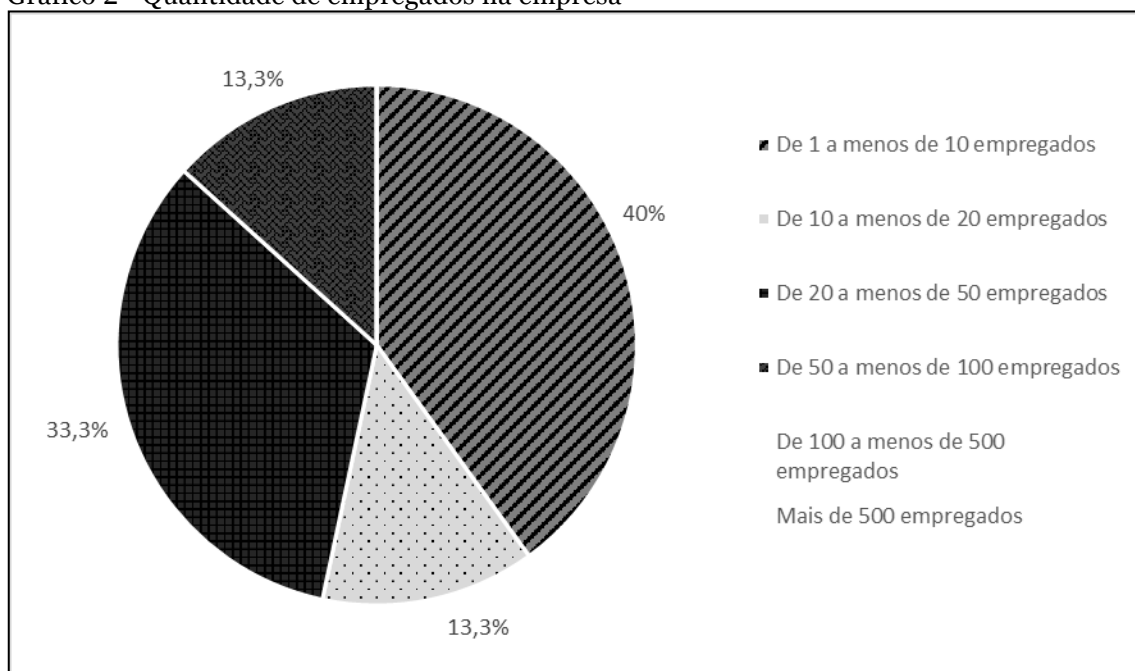
Em acréscimo, ainda a respeito desse tópico (rentabilidade e faturamento das propriedades produtoras), deve-se ponderar que como salienta Barros *et al.* (2022), as informações disponíveis são muito limitadas, reduzindo possibilidades de comparações com os demais setores agrários, entretanto, apontamentos do

último censo agropecuário (2017) que explicitam a prevalência da pequena propriedade e da agricultura familiar no setor, podem ser vistas, segundo esses autores, como indícios que referendam o entendimento de alta rentabilidade no segmento.

Seguindo essa linha argumentativa, tem-se que os dados aqui coletados nas perguntas anteriores, que mostram que a maioria dos produtores paulistas permanecem a décadas no setor e se dedicam exclusivamente à essa atividade, também podem ser vistos como justificativas para a interpretação de que o segmento possui rentabilidade elevada. De forma complementar, outro indício é encontrado na estimativa do Cepea para o PIB *per capita* da floricultura de 2017, já que seu valor de 35,3 mil superava em mais de 75% ao valor médio da mesma medida para a agropecuária (Barros *et al.*, 2022).

Considerando que a literatura entende a atividade como de destaque também no que tange a geração de postos de trabalho, esse ponto também foi abordado no questionário, como resultado, conforme o Gráfico 2, 46,6% da amostra informou que geram pelo menos 20 vagas de emprego.

Gráfico 2 - Quantidade de empregados na empresa



Fonte: Elaboração própria.

Tal resultado confirma a literatura, haja vista que conforme a investigação conduzida por Mendes, Castro e Machado (2024), o mercado de trabalho da cadeia de flores e plantas ornamentais apresenta-se em constante crescimento e evolução, já que entre 2017 e 2022, foram geradas, aproximadamente, 56 mil vagas no setor no Brasil.

Cabe ressaltar também que parcela correspondente a 40% da amostra optou pela alternativa de “1 a menos de 10 empregados”, o que pode ser entendido como indicador que age no sentido de confirmar a prevalência do minifúndio na atividade.

Quanto aos impactos da pandemia no setor, 9 participantes (56,6%) afirmaram que a produção e o faturamento foram reduzidos; 4 participantes (25%) responderam que a produção e o faturamento aumentaram; 3 participantes (18,8%) responderam que não houve impacto e nenhum participante informou que

houve suspensão. Portanto, tem-se a ratificação da literatura, que como mencionado na revisão bibliográfica, entende a floricultura como um segmento em certa medida resiliente aos impactos pandêmicos.

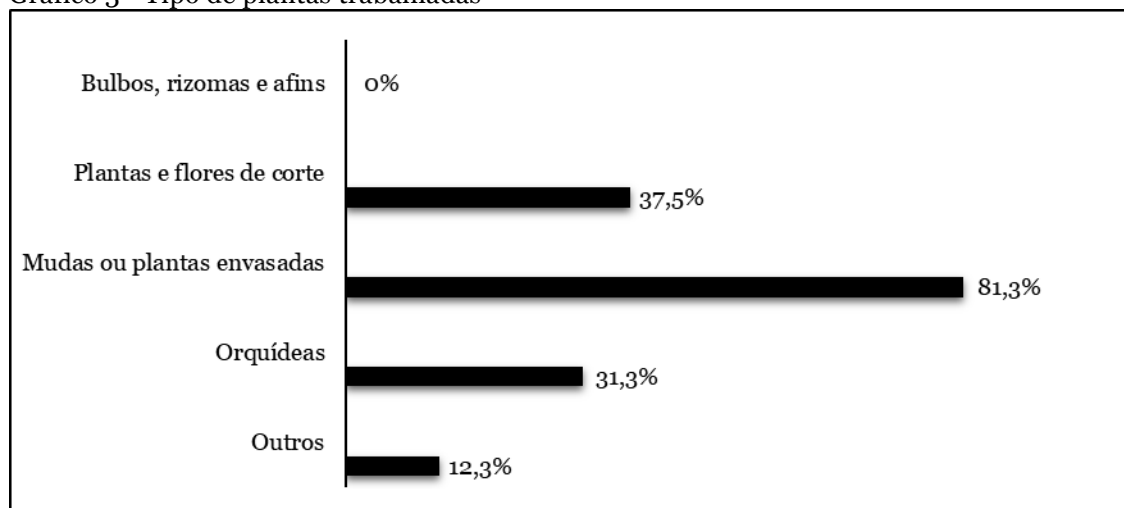
De modo complementar, com base em Teixeira (2022), vale mencionar algumas práticas adotadas no período, que traduzem tal resiliência frente às implicações econômicas do período pandêmico e explicitam o dinamismo da cadeia, quais sejam, (i) uso do comércio *online*; (ii) vendas em supermercados e hipermercados que permaneceram abertos durante as medidas de isolamento; (iii) desenvolvimento e implementação do *delivery* de flores; (iii) criação dos planos de assinatura de flores de carácter mensal ou semanal. Tais práticas foram capazes de atacar o principal problema da cadeia durante o isolamento, a comercialização, fazendo com que o setor reagisse melhor que outras esferas do agronegócio paulista, que enfrentaram problemas mais diversificados e menos contornáveis, como por exemplo, a heveicultura, afetada pela paralização de empresas que coletam o látex e as culturas de grãos, afetadas pelos atrasos na descarga de produtos, loteamento de silos e ferramentais de armazenagem, congestionamento nos portos, e inseguranças para a compra de insumos, conforme Lopes Junior, Salomon e Garcia (2020).

Outro ponto, em complemento, que pode ser apontado como originador dessa resiliência é a estrutura e logística própria da cadeia florícola paulista consagrada na literatura e referendada nas respostas acima expostas, que em resumo, forma-se por produtores pequenos, muito integrados entre si e com a cadeia (elevado índice de associativismo) e localizados relativamente próximos ao seu mercado consumidor principal (cadeias curtas de abastecimento), características essas que atenuaram as perdas de renda frente ao isolamento, como constataram Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2020), Schmidhuber e Qiao (2020) e Salazar *et al.* (2020).

Uma vez que a literatura considera que a floricultura brasileira de um modo geral, bem como a paulista, ganha posição central também em se tratando de diversidade da produção, este ponto também foi incluído no questionamento. Como resultado, obteve-se indicações no sentido de confirmar esse entendimento, haja vista que, 43,9% dos agentes produzem pelo menos 25 espécimes distintas e somente 1 agente (6,3%) assinalou que produz menos de 5 espécimes diferentes.

Ainda sobre diversidade, foi requisitado aos participantes, assinalar as tipologias de plantas com que trabalhavam, cujos resultados, vem expressos no Gráfico 3, por meio do qual observa-se que a categoria que predomina na produção paulista é a de produção envasada, tendo-se valores relevantes também para orquídeas, bem como, plantas e flores de corte, categorias mais pertinentes em termos de valor da venda, como explicita os resultados do último Censo Agropecuário de 2017.

Gráfico 3 - Tipo de plantas trabalhadas



Fonte: Elaboração própria.

Em complemento, deve-se destacar que os 2 participantes que assinalaram a opção de outros, informaram as seguintes categorias extras: “Plantas ornamentais pendentes e flores de vaso” e “Plantas verdes e pendentes, ervas aromáticas e plantas com flores”, o que ratifica também o entendimento assíduo já catalogado de que se abundam as possibilidades de categorização de produtos da floricultura.

Tendo em vista que o impacto sazonal de feriados e datas comemorativas é descrito pela literatura como bastante caro a esse mercado, foi inquirida a opinião dos participantes quanto a isso, e obteve-se uma asseveração do que já há publicado, uma vez que 12 participantes (75%), ou seja, a maioria respondeu afirmativamente a pergunta: “Em sua opinião, baseada em sua experiência, a produção é bastante afetada pelas datas comemorativas e/ou feriados (dia dos namorados e dia das mães, por exemplo)?”, ao passo que 4 participantes (25%) responderam de modo negativo.

Entretanto, chama atenção uma parcela significativa, 25% da amostra, ter afirmado que na sua experiência o impacto sazonal é reduzido. Tal resultado também é aderente a literatura, haja vista que Silva et al. (2025) defendem que a tendência recente de expansão da comercialização de produtos florícolas em mercados, supermercados, *gardens*, *cash-and-carry* e demais modalidades de autosserviço, veem reduzindo o impacto da sazonalidade na cadeia.

Em acréscimo, dado que a bibliografia acerca da temática considera a Lei de Proteção de Cultivares como um importante avanço no setor, dentro das perguntas do questionário, buscou-se avaliar esse ponto, logo, inquiriu-se aos participantes o seguinte: “algum dos seus produtos está assegurado pela lei de proteção de cultivares?”, como resultado, verificou-se que a maioria apresenta produtos assegurados por esse dispositivo jurídico, tendo em vista que 6 participantes (54,5%) responderam afirmativamente, enquanto 5 participantes (45,5%) responderam de modo negativo, logo, pode-se entender que de fato essa lei tem aderência ao setor. Tal resultado vai ao encontro do trabalho de Sá e Saes (2015) que inquiriu a 3 grupos de agentes (melhoristas, produtores e distribuidores) sobre o impacto da Lei de proteção de cultivares e verificou que todos os grupos em sua maioria apontam a lei como um avanço, sendo válido frisar que entre os produtores, 75% consideram como um impacto positivo.

Em complemento, dentre as implicações práticas sobre a dinâmica do setor, Sá e Saes (2015) apontam: (i) a lei pode ser vista como um sinal de compromisso

do Estado em melhorar o ambiente institucional; (ii) a lei incentivou a entrada de empresas de melhoramento no Brasil; (iii) a lei pode ser vista como responsável pela modernização e inovação na cadeia, tanto em termos de variedade de produtos, como em termos de qualidade e padronização; (iv) Em São Paulo, sobretudo no polo de Holambra, já são vistos indícios de conscientização sobre a importância dessa certificação, nesse ponto em específico, o presente questionário ao inquirir sobre a existência de certificação de algum de seus produtos aos participantes deu contribuição direta a esse entendimento, ratificando-o.

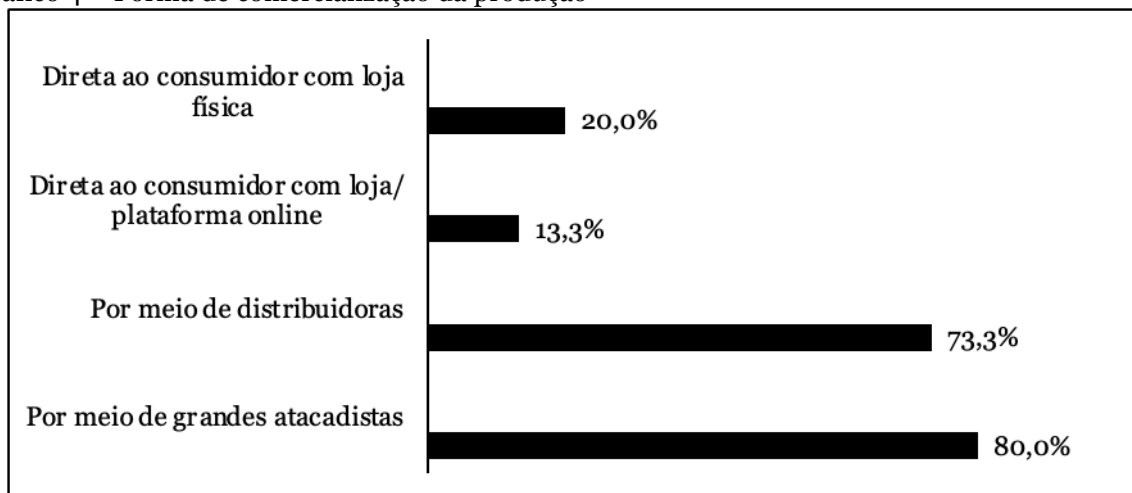
O questionário também tratou da importação de insumos, inicialmente, questionou-se se a empresa importava ou não algum tipo de insumo, tal questionamento obteve 15 respostas, das quais 8 (53,3%) foram afirmativas e 7 (46,7%) foram negativas. Tal resultado, bastante dividido age no sentido de explicitar o caráter diverso da produção, dado que como a floricultura se forma pela produção de variadas quantidades de espécimes diferentes com exigências distintas, parcela significativa dos participantes não tiveram a necessidade de recorrer a material importado, o que também referenda o diagnóstico de baixa internacionalização.

Em seguida, questionou-se aos que importavam, o que era importado, e obteve-se oito respostas, houve uma marcação na alternativa relativa a produtos relacionados a envasamento, quatro marcações na alternativa relativa a substrato, uma marcação na alternativa relativa a sementes e afins, zero marcações na alternativa relativa a bulbos, rizomas e afins, seis marcações na alternativa relativa estacas, mudas, *plugs* e afins, uma marcação na alternativa relativa a Keiki de orquídeas e uma marcação na alternativa outros em que foi dito “não diretamente, compramos produtos importados de fornecedores”. Assim sendo, fica claro que a maioria dos insumos importados se relacionam ao substrato e a material de propagação.

Tal conclusão indica que o perfil das importações necessárias à atividade floricultureira vêm se mantendo estável ao longo do tempo, haja vista que Medeiros e Favero (2024) concluíram que do total das importações brasileiras do segmento em 2008, 79,3% desse valor diziam respeito a insumos voltados às etapas de propagação e desenvolvimento da produção.

A presente pesquisa também versou quanto a forma de comercialização da produção, nesse sentido, foi requisitado aos participantes, apontar as formas de comercialização por ele praticadas, cujo resultado está exposto no Gráfico 4 e corrobora o que pesquisadores da área postulam, tendo em vista as notáveis prevalências do comércio via distribuidores e grandes atacadistas, bem como, um valor pertinente para a comercialização via *e-commerce*, que é vista pela literatura como uma tendência para o mercado.

Gráfico 4 – Forma de comercialização da produção



Fonte: Elaboração própria.

Ainda quanto a esta temática, vale ressaltar que de modo análogo a questão de faturamento, o mesmo participante destacou na resposta que o questionário apresentava uma sensível limitação por não incluir a comercialização via cooperativa em uma categoria separada, como explicita seu comentário transcrito a seguir: “Outra coisa! Muitos produtores fazem a comercialização através da Cooperativa Veiling Holambra ou Cooperflora. Essa opção também não foi colocada na pergunta sobre formas de comercialização”.

Tal consideração, reforça o elevado índice de associativismo como um ponto central na floricultura paulista, que em termos de comercialização constitui vantagem relevante, tendo em vista que conforme apontamentos de Neves e Pinto (2015), as cooperativas foram responsáveis por aproximar floricultores e canais de comercialização, removendo a participação de intermediários, o que ampliou a eficiência logística da distribuição, permitindo com que novos mercados e maiores margens fossem alcançados.

Finda a seção de perguntas relativas à caracterização da produção, iniciou-se as perguntas concernentes à exportação, inicialmente questionou-se aos participantes se a empresa exportava ou já havia exportado, como esperado frente aos resultados anteriores e ao entendimento de baixa internacionalização presente na literatura consagrada, obteve-se 13 respostas (81,3%) negativas e somente 3 respostas (18,8%) afirmativas.

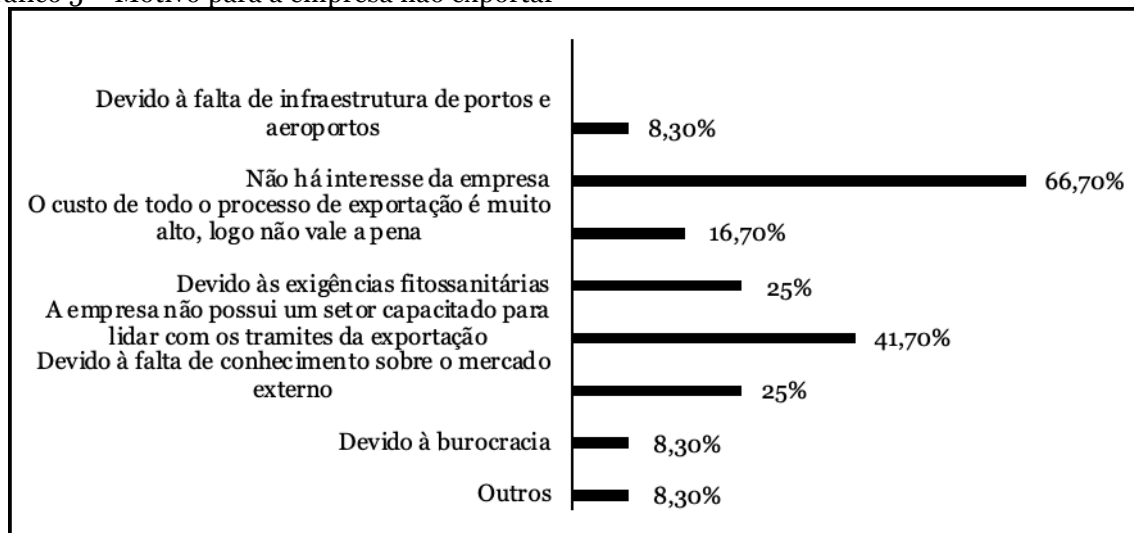
Tal resultado vai ao encontro da literatura, que entende que há ainda grande espaço para crescimento do mercado interno. Silva et. al. (2025) argumenta que esta perspectiva justifica-se por cinco razões principais, quais sejam: (i) baixo consumo per capita dos brasileiros em produtos de floricultura, o que demonstra espaço para crescimento; (ii) perspectiva de ampliação da renda per capita no Brasil; (iii) existência de alta elasticidade-renda da demanda por produtos de florícolas, o que faz com que o consumo tenda a responder de forma mais que proporcional a ampliações de renda; (iv) tendências já percebida de popularização das flores e plantas ornamentais entre os brasileiros; (v) tendência de ampliação da disponibilidade de flores e plantas ornamentais em supermercados, *gardens* e no e-commerce.

Em complemento, tal resultado também indica que o setor paulista é altamente dependente da demanda interna, o que como asseveram Silva et al. (2025) representa um risco, na medida em que em períodos de crise econômica ou estagnação no país, o setor tende a ficar vulnerável a choques de demanda.

Não obstante, como enfatiza Bernard et al. (2007) a não exportação representa aos produtores uma possibilidade perdida de desenvolvimento, não somente no que tange a renda gerada pelo comércio externo, mas também a ganhos possíveis oriundos do convívio com a concorrência internacional, capazes de produzir relativos incrementos de produtividade, produção e emprego em firmas exportadoras.

A próxima pergunta, destinada aos produtores que nunca haviam exportados, buscou identificar a razão desse fenômeno, foram obtidas 12 respostas, cujos resultados expostos no Gráfico 5, demonstram que a justificativa mais recorrente foi a que se relacionou ao não interesse da empresa.

Gráfico 5 – Motivo para a empresa não exportar



Fonte: Elaboração própria.

Em complemento, 41,70% da amostra apresentou como motivo o fato da empresa não possuir um setor capacitado para lidar com os tramites da exportação e 25% apresentou como justificativa às exigências fitossanitárias. Tal resultado ratifica a literatura, haja vista que conforme Silva et al. (2025) dentre os entraves no processo de exportação, destacam-se erros gerenciais cometidas por operadores não especializados e a ausência de equipamentos e técnicas modernas voltadas a análises fitossanitárias de perecíveis no contexto da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero).

Ademais, 25% da amostra relatou como motivo a falta de conhecimento sobre o mercado externo e 8% da amostra à burocracia. Tais respostas também vão ao encontro da literatura, tendo em vista que Anefalos e Caixeta Filho (2007), bem como Smorigo e Jank (2001) apontam que a falta de tradição e know-how constituem limitadores relevantes para a inserção internacional da floricultura brasileira.

Para 16,7% da amostra o custo do processo faz com que a exportação não seja interessante. Tal resultado também é aderente à literatura, tendo em vista que como destacam Anefalos e Caixeta Filho (2007) os custos relativos a esse processo são significativos, uma vez que recorrentemente o transporte dá-se por vias áreas ou terrestres, em câmaras frias. Frente a isso, Silva et al. (2025) enfatizam que possíveis problemas ocorridos no embarque tendem a resultar a sensíveis perdas ao produtor, ocasionadas por eventuais despesas complementares, danos a sua reputação no mercado e possíveis descartes já que flores são produtos perecíveis e frágeis.

Por fim, 8,30% da amostra apontou como motivo limitações na infraestrutura de portos e aeroportos do país. Tal entendimento, tem respaldo na história do setor do país, tendo em vista que como Rocha (2006) salienta, a inclusão de câmara refrigerada no aeroporto de Fortaleza foi ponto determinante para a expansão da floricultura cearense nos anos subsequentes.

As próximas perguntas do questionário se voltaram aos produtores que exportam ou já exportaram, entretanto, como esperado frente ao baixo número de respostas afirmativas quando se inqueriu se a empresa exportava, tais perguntas foram pouco respondidas, tendo algumas com nenhuma resposta, assim sendo, opta-se por não se discutir a fundo tais resultados, já que oferecem um panorama muito limitado sobre esse aspecto.

Todavia, vale destacar que o questionário tinha como última pergunta uma questão aberta em que se colocou a possibilidade dos participantes comentarem algo que achassem pertinente, obteve-se duas respostas que ilustram o dinamismo da floricultura paulista e ajudam a justificar a baixa internacionalização, sendo elas: “Não conseguimos exportar, caso tenha substrato” e “em se falando em plantas envasadas, o mercado brasileiro é muito grande e existe muita margem de crescimento dentro do Brasil. A grande razão para não ocorrer grandes números de exportações é pelo custo do frete até estes locais. Além de que muitas vezes, por ser um produto perecível, longas distancias podem afetar na qualidade. Por conta disso muitas vezes escolhemos focar em mercados mais próximos...” O que indica que por conta do considerável mercado interno e devido as características como a perecibilidade a exportação do setor ainda é baixa.

Frente ao que foi exposto, fica claro que os resultados obtidos com a pesquisa estão em linha com a literatura, acerca da caracterização da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no estado de São Paulo. Os dados coletados, em resumo, indicam que no estado de São Paulo, a cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais manteve-se estável nos últimos anos quanto a sua caracterização. O setor se distingue por sua tradição e consolidação, apresentando um elevado índice de cooperativismo, alta rentabilidade, diversidade de produtos, relevância na geração de empregos, vulnerabilidade à sazonalidade e impactos ambíguos em cenários de crises atípicas, caso da pandemia Covid-19. Em complemento, foi possível observar que o sistema de distribuição se baseia sobretudo em cooperativas, distribuidores e atacadistas. Adicionalmente, também pode-se constatar o uso da Lei de Proteção de Cultivares por alguns produtores.

No que concerne a sua inserção internacional, nota-se que esta é reduzida. As importações do setor tendem a se concentrar em materiais relativos ao substrato e a material de propagação. As exportações também são consideravelmente limitadas e tem como principais justificativas para esse resultado: (i) mercado interno com capacidade de expansão; (ii) entraves institucionais; (iii) entraves logísticos e de infraestrutura; (iv) entraves fitossanitários; (v) burocracia; (vi) custos.

Logo, a hipótese inicial do estudo é confirmada. Esse resultado pode ser entendido como indicativo que não só justifica a preponderância da floricultura paulista em relação a praticada em outros estados, mas que também evidencia que existe espaço para o desenvolvimento de políticas públicas para o setor, especialmente às que se voltam a tornar o setor mais inserido no comércio externo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como propósito caracterizar a produção florícola paulista. Primordialmente, explorou-se o que a literatura tangente a esse tema já asseverava, não apenas quanto a sua caracterização, mas também ao que concerne ao desenvolvimento histórico do setor, sua concentração e distribuição espacial, bem como, a características gerais da produção, distribuição e comercialização da floricultura.

Concluída tal etapa do método científico, partiu-se para etapa de formulação e aplicação de questionário eletrônico, e logo após para organização, apresentação e construção de indicadores com os dados primários coletados a partir de recomendações próprias de estatística descritiva.

Como resultado, tem-se que os dados coletados ratificam a literatura, dessa forma, pode-se afirmar que cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no estado de São Paulo não passou por mudanças no período recente e então distingue-se por se caracterizar como um setor tradicional e consolidado, de significativo índice de cooperativismo, rentabilidade alta, destaque na geração de postos empregatícios, suscetibilidade à sazonalidade, efeitos ambíguos em cenários de crises atípicas como a gerada pela pandemia da Covid-19, elevado uso de dispositivos jurídicos de proteção de propriedade intelectual, caso notório da Lei da proteção de Cultivares, diversidade de produtos gerados, baixa inserção internacional com importações centradas em material de propagação e substrato e existência de diversos entraves à exportação, distribuição centrada em canais como as próprias cooperativas, distribuidores e atacadistas. Portanto, tem-se que a hipótese inicial foi confirmada.

Por fim, figuram como sugestões para próximos trabalhos, o uso de metodologias que avancem a simples descrição de características gerais da cadeia, buscando causas e impactos dessas características. Nesse sentido, recomenda-se a aplicação de modelagens econométricas ou de insumo produto.

REFERÊNCIAS

AKI, A. Sobre o novo comportamento para os diversos agentes da cadeia de flores em um mercado de oferta. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 8-12, 1997.

AKI, A.; PEROSA, J. M. Y. Aspectos da produção e consumo de flores e plantas ornamentais no Brasil. **Ornamental Horticulture**, v. 8, n. 1, 2002.

ALVARENGA, M. D.; DA SILVEIRA, R. L. F.; BUAINAIN, A. M. Identificação de riscos na produção de flores e plantas ornamentais: evidências da Holambra/SP. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v. 39, n. 116, p. 346-368, 2023.

ANACLETO, A.; BORNANCIN, A. P. de A.; MENDES, S. H. C.; SCHEUER, L. Between flowers and fears: the new coronavirus pandemic (COVID-19) and the flower retail trade. **Ornamental Horticulture**, v. 27, n. 1, p. 26-32, 2021.

ANEFALOS, L. C.; GUILHOTO, J. J. **Estrutura do mercado brasileiro de flores e plantas ornamentais**. 2003. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-2-03-4.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

ANEFALOS, L. C.; CAIXETA FILHO, J. V. Avaliação do processo de exportação na cadeia de flores de corte utilizando modelo insumo-produto. **Revista Brasileira de Economia**, v. 61, p. 153-173, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbe/a/dNN8FRtxGQF6Sd8DYQpM3js/?lang=pt>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

ARRUDA, S. T.; OLIVETTE, M. P. A.; CASTRO, C. E. F. Diagnóstico da floricultura no estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-18, 1996.

BARNEY, J. B. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of Management**, 17, 99-120.1991.

BARREIROS, R. F.; PROTIL, R. M.; RODRIGUES, V. M. Fatores de Influência do Processo Decisório. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2000.

BARROS, G. S. De C.; CASTRO, N. R.; FACHINELLO, A. L.; SILVA, A. F.; MACHADO, G. C.; SILVA, R. P. Da. **PIB da cadeia – Flores e Plantas Ornamentais**. Centro de Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”(Esalq), 2022. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Relat%C3%B3rio%20Flores%20e%20plantas%20ornamentais%20-%20ano%20base%202017.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2023.

BARROS, G. S. De C.; CASTRO, N. R.; MACHADO, G. C FACHINELLO, A. L.; SILVA, A. F.; SILVA, R. P. Da; MENDES, F. B. Cadeia das flores e plantas ornamentais - PIB e empregos. Centro de Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior

de Agricultura” Luiz de Queiroz”(Esalq), 2024. Disponível em:<<https://cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Relat%C3%B3rio%20Flores%20e%20plantas%20ornamentais%20-%202017-2022.pdf>>Acesso: 09 abr. 2024.

BATALHA, M. O.; BUAINAIN, A. M. Cadeias produtivas de flores e mel. **Brasília: IICA: MAPA/SPA**, v. 9, p. 140p, 2007. Disponível em:<<http://repiica.iica.int/docs/Bo587p/Bo587p.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

BERNARD, A. B.; BRADFORD, J. J.; REDDING, S. J.; SCHOTT, P. K. Firms in international trade. **The Journal of Economic Perspectives**, v.21, n.3, p. 105-130. Disponível em:<<https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.21.3.105>>. Acesso em: 25 fev. 2025

BRASIL. Lei No 9.456, de 25 de abril de 1997, p. 1–12.

ESPERANÇA, A. A.; LÍRIO, V. S.; DE MENDONÇA, T. G. Análise comparativa do desempenho exportador de flores e plantas ornamentais nos estados de São Paulo e Ceará. **Revista econômica do Nordeste**, v. 42, n. 2, p. 259–286, 2011.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. The State of Food Security and Nutrition in the World 2020. Transforming food systems for affordable healthy diets. Roma, FAO. 2020. Disponível em:<<https://www.fao.org/documents/card/en/c/ca9692en>>. Acesso em: 11 agost, 2023.

FRANCISCO, V. L. F. S.; PINO, F. A.; KIYUNA, I. Floricultura no Estado de São Paulo. **Informações Econômicas, São Paulo**, v. 33, n. 3, p. 17-32, 2003. Disponível em:<<http://www.iea.sp.gov.br/ftpiea/ie/2003/TEC2-MAR-2003.pdf>>. Acesso em: 11 agost, 2023.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 2ª ed. Atlas. 1987. 248p.

GRISOTTO, M. C. O sistema agroindustrial de exportação de rosas: um estudo comparativo entre o Brasil e a Colômbia. 2019. **Dissertação** (Mestrado em Agronegócios e Organizações) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Piracicaba, São Paulo. 2019. Disponível em:<https://www.teses.usp.br/teses/1540rinal154ório/11/11153/tde-12082019-171940/publico/Mariela_Carmignani_Grisotto_versao_revisada.pdf>. Acesso em: 19 nov, 2023.

HOREN, L. VAN. A Mixed Bouquet of Developments in Floriculture. . [S.l: s.n.], 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORICULTURA-IBRAFLOR. O MERCADO DE FLORES NO BRASIL. [S.l: s.n.], 2022. Disponível em:<https://www.ibraflor.com.br/files/ugd/b3d028_2ca7dd85f28f4add9c4eda570adc369f.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORICULTURA-IBRAFLOR. Números do Setor, Holambra, SP, Janeiro de 2021. Disponível em:<https://www.ibraflor.com.br/files/ugd/b3d028_2ca7dd85f28f4add9c4eda570adc369f.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA-IBGE. Censo Agropecuário de 2017. Rio de Janeiro. 2019^a. Disponível em:<<https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/resultados-censo-agro-2017.html>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

INTERNATIONAL FLOWER TRADE ASSOCIATION – UNION FLEURS. EU-Wide survey provides a first estimate of the brutal impact of covid-19 pandemic on the European flower & live plants sector in march and 155orna 2020. Brussels: [s.n.], 2020.

JUNQUEIRA, A. H.; DA SILVA PEETZ, M. Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância sócio-econômica recente. **Ornamental Horticulture**, v. 14, n. 1, 2008.

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. D. S. Análise conjuntural do comércio exterior da floricultura brasileira. **Ornamental Horticulture**, v. 16, n. 1, 2010.

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. D. S. Sustentabilidade na floricultura brasileira: apontamentos introdutórios para uma abordagem sistêmica. **Ornamental Horticulture**, v. 24, p. 155-162, 2018. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/oh/a/9g3Qrdd3vh6LbLVQN5FR9fF/abstract/?lang=pt&format=html#>>. Acesso em 11 agost. 2023.

KÄMPF, A. N. A floricultura brasileira em números. **Ornamental Horticulture**, v. 3, n. 1, p. 1–7, 1997. Disponível em:<<https://ornamentalhorticulture.emnuvens.com.br/rbho/article/view/129>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

LANGE, A. K.; AREND, S. C. Plantas Ornamentais para Paisagismo: Estudo de Caso em Municípios do Rio Grande do Sul – Brasil. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 115–130, 2014.

LOPES JUNIOR, A.; SALOMON, M. V.; GARCIA, M. R. L. Levantamento da produção, comercialização e logística. In: **Impactos da Pandemia (COVID-19) nos Sistemas Agropecuários do Estado de São Paulo**. 2020. Disponível em:<<http://www.cdrs.sp.gov.br/portal/themes/unify/arquivos/produtos-e-servicos/acervo-tecnico/boletim-mensal-covid-maio-2020.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2024.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO – MAPA. 2023. Disponível em:<<https://www.gov.br/agricultura/pt-br>> Acesso em: 11 agost. 2023.

MARCHI, L. F. P. de; SANTOS, M.; VIEIRA, E. T. A Agropecuária e os Fatores Mediadores para o Desenvolvimento Sustentável: Um estudo sobre a agricultura familiar no município de Dianópolis/TO. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 471–491, 2024.

MARQUES, R. W. D.C.; CASTRO FILHO, J. Avaliação da sazonalidade do mercado de flores e plantas ornamentais no Estado de São Paulo. 132p. **Dissertação**

(Mestrado em Economia Aplicada). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002.

MEDEIROS, F. de. O.; FAVERO, L. A. Aspectos da competitividade brasileira no comércio internacional da floricultura e flores de corte. **Brazilian Journal of Business**, v. 6, n. 3, p. e72218-e72218, 2024. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJB/article/view/72218>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MELO, W. V. D.; BIANCHI, C. D. S. Discutindo estratégias para a construção de questionários como ferramenta de pesquisa. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 8, n. 3, 2015.

MENDES, F. B.; CASTRO, N. R.; MACHADO, G. C. Mercado de trabalho e participação da mulher na cadeia de flores e plantas ornamentais. In: Anais do 62º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER). Anais...Palmas (TO) UFT, 2024. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/62-congresso-da-sober-397784/817454-MERCADO-DE-TRABALHO-E-PARTIPACAO-DA-MULHER-NA-CADEIA-DE-FLORES-E-PLANTAS-ORNAMENTAIS>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

NEVES, M. F.; PINTO, M. Mapeamento e quantificação da cadeia de flores e plantas ornamentais do Brasil. **São Paulo: OCESP**, 2015.

NOGUEIRA, J. P. F.; CARRARA, A. F. A Distribuição da Produção de Plantas Ornamentais em vaso e sua relação com o PIB Municipal no Estado de São Paulo: Uma aplicação da análise exploratória de dados espaciais. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 9, n. 3, p. 214-246, 2024.

OKUDA, T. Mercado de flores tem grande potencial no país. **Frutas e Legumes**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 22-26, 2000.

OLIVEIRA, A. A. P.; BRAINER, M. S. DE C. P. **Floricultura**: caracterização e mercado. [s.l.] Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

OLIVEIRA, C. B.; NASCIMENTO, T. R.; SILVA, R. G. R.; LOPES, I. C. A cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no Brasil: uma revisão sobre o segmento. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 6, n. 2, 2021.

OLIVEIRA, G. De; KÜHN, D. D.; PEREIRA, A. D. S. **O Papel da Especialização Agrícola no Desenvolvimento Humano e no Crescimento Econômico Regional**. 2009. Disponível em: <<http://cepeac.upf.br/download/texto%204.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2024.

OLIVER, C. Sustainable competitive Advantage: Combining institutional and resource-based views. **Strategic Management Journal**, v. 18, n. 9, p. 697-713, 1997.

ROCHA, R.; PIRES, H. DA S. **Minidicionário**. São Paulo: Scipione, 1996. 832p.

SÁ, C. D. De; SAES, M. S. M. Propriedade intelectual na cadeia de flores e plantas

ornamentais: uma análise da legislação brasileira de proteção de cultivares. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 14, n. 1, p. 49-76, 2015.

SALAZAR, L.; SCHLING, M.; PALACIOS, A. C.; PAZOS, N. Retos para la agricultura familiar en el contexto del Covid-19: Evidencia de Productores en ALC. Banco Interamericano de Desarrollo. 2020. Disponível em:<<https://policycommons.net/artifacts/812806/retos-para-la-agricultura-familiar-en-el-contexto-del-covid-19/1686218/>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SCHMIDHUBER, J.; QIAO, B. **Comparing Crises: Great Lockdown versus Great Recession**. Rome: FAO, 2020.

SILVA, A. F.; SILVA, R. P. da.; MACHADO, G. C.; FACHINELLO, A. L.; CASTRO, N. R. Potenciais da comercialização de produtos brasileiros da floricultura nos mercados doméstico e externo. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 63, p. e275600, 2025. Disponível em:< <https://revistasober.org/article/doi/10.1590/1806-9479.2025.275600>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SILVA, L. C. Caracterização do setor atacadista de flores e plantas ornamentais no Brasil. 2012. **Dissertação** (Mestrado em Agronomia/Fitotecni-) - Universidade Federal de Lavras. Lavras, Minas Gerais, 2012. Disponível em:< <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/445>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SILVA, T. X. Da. **A Importância da Diversificação Rural na Agricultura Familiar**. 2010. Disponível em:< http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=11191> . Acesso em: 06 de abr. 2024.

SILVA, S. M. de.; SANTOS, C. C. M. dos.; SIQUEIRA, J. de. O. **O Uso do Questionário Eletrônico na Pesquisa Acadêmica: Um Caso de Uso na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, II Semead – Seminários em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da FEA/USP**, 1997. p. 408- 421. Disponível em:< <https://repositorio.usp.br/item/000972088>>. Acesso em: 11 agost. 2023.

SILVEIRA, R. DE A. **Horticultura ornamental: floricultura no Brasil**.1993. Disponível em:< <https://ornamentalhorticulture.emnuvens.com.br/rbho/article/download/129/1779>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SMORIGO, J. N; JANK, M. S. Análise da eficiência dos sistemas de distribuição de flores e plantas ornamentais no Estado de São Paulo. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. v. 39, n. 1, 2001.

SOUZA, J. N. C.; DINIZ, J. W. M.; SILVA, F. A. O.; ALMEIDA, N. D. R. Panorama econômico de flores e plantas ornamentais no Brasil. **Scientific Electronic Archives**, v. 13, n. 5, 2020.

SOUZA, V.; LOURENÇO, R. L.; OLIVEIRA, L. E. do N. Alterações nos Padrões Tecnológicos da Avicultura de Corte: Impactos na vida e nos negócios de produtores integrados. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 90–114, 2023.

ROCHA, L. B. A produção de flores no estado do Ceará em Baturité, Redenção e São Benedito. 2006. 143 p. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

TERRA, S. B.; ZUGE, D. P. P. D. O. Floricultura: a produção de flores como uma nova alternativa de emprego e renda para a comunidade de Bagé-RS. **Revista Conexão UEPG**, v. 9, n. 2, p. 342-353, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5141/514151730017.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

TEIXEIRA, L. P. **Um estudo sobre os possíveis impactos da pandemia do COVID-19 na sustentabilidade dos produtores de flores e plantas ornamentais de Barbacena/MG.** 2022. Disponível em: <<http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/3884>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

TOLEDO, G. L. OVALLE, I. I. **Estatística Básica.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 1982, 464p.

TORRES, D. F. U. Análise prospectiva para o setor atacadista de flores e plantas ornamentais no Brasil e suas tecnologias da informação e comunicação. 2015. **Dissertação** (Mestrado em Agronegócio-) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/158929>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

TONIASSO, H. R.; SOUZA, C. C. de; BRUM, E.; FIGUEIREDO, R. S. de. Agricultura Familiar e Associativismo Rural – o caso associação harmonia de agricultura familiar de Mato Grosso do Sul e a sua sustentabilidade. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2000. DOI: 10.48075/igepec.v11i2.1323.

TSUBOI, N.; TSURUSHIMA, H. **Introdução à história da indústria de flores e plantas ornamentais no Brasil.** São Paulo: Comissão Editorial da História da Indústria de Flores no Brasil, 2009.

VASCONCELLOS-GUEDES, L.; GUEDES, L. F. A. E-surveys: Vantagens e Limitações dos Questionários Eletrônicos via Internet no Contexto da Pesquisa Científica. In: X Semead - Seminário em Administração FEA/USP (São Paulo, Brasil), **[Anais...]**, 2007. Disponível em: <<https://sistema.semead.com.br/10semead/sistema/resultado/trabalhosPDF/420.pdf>>. Acesso em: 11 agost. 2023.

Recebido em 08/08/2024.

Aceito em 30/04/2025.

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Resolução CNS 510/2016)

Eu, João Pedro Ferreira Nogueira, estudante do Departamento de Economia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o (a) convido a participar da pesquisa “O mercado brasileiro de flores e plantas ornamentais e os entraves para a exportação: Um estudo de caso para a produção do interior paulista” orientada pela Profa. Dra. Anieli Fagundes Carrara.

Considerando a relevância da produção de flores e plantas ornamentais do interior paulista, em especial nos municípios de Atibaia e Holambra e suas potencialidades em termos de atendimento de mercados para além do nacional, a presente pesquisa busca entender quais são os obstáculos que ainda impedem o Brasil de se tornar um grande exportador nesse setor. Logo, o objetivo é identificar os principais entraves que dificultam a produção de flores e plantas ornamentais brasileira de ganhar destaque no comércio exterior e discutir possíveis caminhos para superá-los. Para tanto serão analisados dados primários, coletados por meio da aplicação de um questionário ao qual o presente termo se refere.

Você foi selecionado (a) por ser um agente produtor e/ou agente econômico diretamente envolvido com a produção e comercialização de flores e plantas ornamentais nas cidades de Holambra ou Atibaia.

É importante ressaltar que os riscos para senhor (a) participante da pesquisa são mínimos, uma vez que o questionário contém apenas perguntas que não violam a sua privacidade e tão pouco o(a) identifica ou identifica a empresa que representa. Porém, cabe destacar os riscos característicos do ambiente virtual, proporcionados pelas limitações das tecnologias utilizadas, como por exemplo, a rede de internet, que pode gerar alguma dificuldade ou demora no acesso ao questionário.

Sua participação nessa pesquisa contribuirá para a elaboração um diagnóstico focalizado dos principais entraves que dificultam a exportação brasileira de flores e plantas ornamentais, bem como propostas de possíveis soluções. Assim, os resultados podem beneficiar não apenas os agentes participantes da pesquisa, mas todo o setor e estarão à disposição, caso haja interesse.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento o (a) senhor(a) irá decidir se deseja participar e preencher o questionário, se deseja desistir da participação durante o preenchimento do questionário ou após o preenchimento, e poderá retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Ademais, não será solicitada qualquer informação que o (a) identifique e/ou viole sua privacidade e não haverá qualquer tipo de despesa oriunda de sua participação na pesquisa.

O(a) senhor(a) ao aceitar participar da pesquisa irá: 1. Eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado ao pesquisador via endereço de e-mail fornecido, se assim o desejar. Antes de tomar tal decisão todas as perguntas do questionário poderão ser visualizadas. 2. Responder ao questionário on-line que terá tempo gasto para seu preenchimento em torno de 08 minutos. Caso não concorde, basta fechar a página do navegador. Caso desista de participar durante o preenchimento do questionário e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão gravados, enviados e nem recebidos pelo pesquisador e serão apagados ao se fechar a página do navegador. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do questionário e após decida desistir da participação deverá informar o pesquisador desta decisão e este descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização. Você poderá

imprimir uma via deste termo, ou se desejar, o pesquisador poderá encaminhar uma via assinada por e-mail ou da maneira como preferir.

No questionário não há perguntas obrigatórias, logo é garantido o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento. Os tópicos que serão abordados nas perguntas são sobre as características da empresa produtora e da produção, do processo de exportação dos produtos em questão, para aqueles que realizam ou já realizaram tal forma de comercialização e para aqueles que nunca exportaram, há perguntas que visam esclarecer os motivos da opção de só vender seus produtos nacionalmente. Todas as perguntas poderão ser visualizadas antes da decisão de participar ou não da pesquisa.

Todas as respostas serão armazenadas automaticamente em uma planilha a qual apenas os pesquisadores terão acesso, sendo todos os acessos registrados no histórico do arquivo, uma vez que este fica armazenado em nuvem (Google Drive) enquanto a aplicação do questionário estiver acontecendo. Após concluída a coleta das respostas, será feito o download da planilha com os dados coletados e deletado o registro em nuvem, conforme recomendado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. A referida planilha ficará salva no computador da sala da orientadora da pesquisa e o aluno participante da pesquisa terá acesso, em dias e horários previamente marcados e com supervisão da docente, para construção dos gráficos, tabelas e estatísticas descritivas que farão parte dos resultados do estudo, assim busca-se minimizar os riscos de violação das informações obtidas.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Dados para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Anieli Fagundes Carrara

Endereço: Rodovia João Leme dos Santos (SP-264), Km 110 CEP: 18052-780 – Sorocaba - SP

Contato telefônico: 16 9 8172 8257

E-mail: anielacarrara@ufscar.br

João Pedro Ferreira Nogueira
Aniela Fagundes Carrara

Apêndice B – Questionário

Perguntas para caracterização da empresa produtora

1- Há quantos anos sua empresa (empresa pela qual é responsável) está no mercado?

- a) Menos de 1 ano
- b) Mais de 1 ano e menos de 5 anos
- c) Mais de 5 anos e menos de 10 anos
- d) Mais de 10 anos e menos de 15 anos
- e) Mais de 15 anos e menos de 20 anos
- f) 20 anos ou mais.

2- Sua empresa (empresa pela qual é responsável) integra alguma cooperativa ou associação de produtores?

- a) Sim
- b) Não

3- A sede de sua empresa (empresa pela qual é responsável) é no Brasil?

- a) Sim.
- b) Não.

4- Sua empresa (empresa pela qual é responsável) possui filiais?

- a) Sim, no estado de São Paulo
- b) Sim, em outro(s) estado(s)
- c) Sim, em outro país
- d) Não

5- Além do mercado de flores e plantas ornamentais, sua empresa (empresa pela qual é responsável) atua em outro mercado?

- a) Sim.
- b) Não.

6- Qual o faturamento anual médio de sua empresa (empresa pela qual é responsável)?

- a) Menos de R\$20.000
- b) Mais de R\$ 20.000 e menos de R\$50.000
- c) Mais de R\$ 50.000 e menos de R\$100.000
- d) Mais de R\$ 100.000 e menos de R\$500.000
- e) Mais de R\$ 500.000 e menos de R\$1.000.000
- f) Maior do que R\$1.000.000
- g) Prefiro não informar.

7- Quantos empregados tem sua empresa (empresa pela qual é responsável)?

- a) De 1 a menos de 10 empregados
- b) De 10 a menos de 20 empregados
- c) De 20 a menos de 50 empregados
- d) De 50 a menos de 100 empregados
- e) De 100 a menos de 500 empregados
- f) Mais de 500 empregados

8- A empresa sofreu algum impacto com a pandemia?

- a) Sim, a produção e o faturamento foram reduzidos
- b) Sim, a produção foi suspensa
- c) Sim, a produção e o faturamento aumentaram
- d) Não

Caracterização da produção

9- Quantos espécimes diferentes são produzidos? [Considerar como espécimes distintas plantas que apresentam qualquer variação (cor de floração, variegações, formato de folhas, miniaturizações e afins)]

- a) Menos de 5.
- b) De 5 a menos de 15.
- c) De 15 a menos de 25.
- d) De 25 a menos de 35.
- e) De 25 a menos de 50.
- f) De 50 a menos de 100.
- g) De 100 ou mais.

10- Em sua opinião, baseada em sua experiência, a produção é bastante afetada pelas datas comemorativas e/ou feriados (dia dos namorados e dia das mães, por exemplo)?

- a) Sim.
- b) Não.

11- Sua empresa (empresa pela qual é responsável) trabalha com que tipo de plantas? (Pode-se assinalar mais de uma alternativa)

- a) Bulbos, rizomas e afins.
- b) Plantas e flores de corte.
- c) Mudas ou plantas envasadas.
- d) Orquídeas.
- e) Outros.

12- Algum dos seus produtos está assegurado pela lei de proteção de cultivares?

- a) Sim.
- b) Não.

13- Sua empresa (empresa pela qual é responsável) importa algum insumo?

- a) Sim.
- b) Não.

14- Caso tenha respondido “sim” na questão anterior, que(quais) tipo(s) de insumo é importado? (Pode-se assinalar mais de uma alternativa)

15- Qual a forma de comercialização da produção? (Pode-se assinalar mais de uma alternativa)

- a) Direta ao consumidor com loja física
- b) Direta ao consumidor com loja/plataforma on line
- c) Por meio de distribuidoras
- d) Por meio de grandes atacadistas

Pergunta sobre a exportação da produção

16- Sua empresa (empresa pela qual é responsável) exporta ou já exportou a produção?

- a) Sim.

b) Não.

Questão para aqueles que nunca exportaram a produção

17- Por qual motivo a sua empresa (empresa pela qual é responsável) não exporta? (Pode-se assinalar mais de uma alternativa)

- a) Devido à falta de infraestrutura de portos e aeroportos
- b) Devido a burocracia
- c) Devido à falta de conhecimento sobre o mercado externo
- d) A empresa não possui um setor capacitado para lidar com os tramites da exportação
- e) Devido as exigências fitossanitárias
- f) O custo de todo o processo de exportação não compensa
- g) Não há interesse da empresa

Perguntas para aqueles que exportam ou já exportaram a produção

18- Que tipo de produto sua empresa exporta ou já exportou? (Pode-se assinalar mais de uma alternativa)

- a) Bulbos, rizomas e afins.
- b) Plantas e flores de corte.
- c) Mudas ou plantas envasadas.
- d) Orquídeas.
- e) Grama e afins.
- f) Outros.

19- Em sua opinião, baseada em sua experiência, o impacto das datas comemorativas e feriados impacta as exportações?

- a) Sim.
- b) Não.

20- Qual a frequência das exportações?

- a) As exportações acontecem de forma regular/periódica
- b) As exportações são feitas por encomendas esporádicas

21- Caso exporte ou já tenha exportado “Bulbos, rizomas e afins”, em sua opinião, baseada em sua experiência, o fato desse tipo de plantas permanecer em estágio vegetativo por meses facilita exportação?

- a) Sim.
- b) Não.

22- Caso exporte ou já tenha exportado “Plantas e flores de corte”, em sua opinião, baseada em sua experiência, o fato desse tipo de produto ser perecível em curto espaço de tempo prejudica a exportação?

- a) Sim.
- b) Não.

23- Caso exporte ou já tenha exportado orquídeas, há um predomínio maior daquelas voltadas ao mercado de colecionadores?

- a) Sim.
- b) Não.

24- Qual é (era) o destino internacional de seus produtos? (Pode-se assinalar mais de uma alternativa)

- a) EUA.
- b) Canadá.

- c) Japão.
- d) Holanda.
- e) Alemanha.
- f) Itália.
- g) Bélgica.
- h) Portugal.
- i) Demais países da Europa Ocidental.
- j) Países do Leste Europeu.
- k) Países da África.
- l) Países da América Latina.
- m) Países da Oceania.
- n) Demais países da Ásia.

25- Em sua opinião, baseada em sua experiência, quais os principais entraves da exportação? (Pode-se assinalar mais de uma alternativa)

- a) Falta de integração entre todos os elos da cadeia.
- b) Falta de tradição e *know-how*.
- c) Entraves tributários.
- d) Ausência de padronização dos produtos.
- e) Entraves que concernem à ordem fitossanitária.
- f) Necessidade de maior profissionalização dos produtores.
- g) Falta de infraestrutura física.
- h) Necessidade de melhoria no funcionamento dos corredores de exportação.
- i) Necessidade de credenciamento de agentes para atuação nos pontos de entrada e saída de mercadorias, com o intuito de controlar a disseminação de pragas agrícolas ao redor do globo.
- j) Necessidade de melhoria geral do sistema de informação de mercado.
- k) Entraves aduaneiros
- l) Despreparo das equipes dos aeroportos e portos para lidar com os produtos
- m) O custo de todo o processo

26- Caso um dos entraves assinalados tenha sido a infraestrutura, qual(is) o(s) problema(s) de infraestrutura física no Brasil você identifica? (Pode-se assinalar mais de uma alternativa)

- a) Pequeno número de aeroportos e portos.
- b) Aeroportos e portos distantes das áreas produtoras.
- c) Más condições das rodovias e estradas.
- d) Baixo número de câmaras frias nos aeroportos e portos.
- e) Outros.

27- Caso tenha assinalado que um dos entraves é a falta de profissionalização dos produtores, em sua opinião, existe no Brasil, quantidade suficiente de centros de educação e pesquisa voltadas para esse setor?

- a) Sim.
- b) Não.

28- Caso tenha assinalado que um dos entraves é o custo de todo o processo, assinale o item que mais contribui para tal custo?

- a) Transporte até o aeroporto/porto
- b) Transporte até o país comprador
- c) Armazenamento (embalagens, câmaras frias, etc)
- d) Taxas de comercialização
- e) Despesas aduaneiras
- f) Outros

29- Caso tenha assinalado que um dos entraves é a falta de profissionalização dos produtores, em sua opinião, a qualidade do ensino e das pesquisas realizadas por centros de educação do setor no Brasil é satisfatória?

- a) Sim.
- b) Não.

30- Caso faça parte de uma cooperativa ou associação, assinale apenas uma das seguintes alternativas:

- a) Fazer parte de uma cooperativa ou associação facilita a exportação dos produtos.
- b) Fazer parte de uma cooperativa ou associação dificulta a exportação dos produtos.
- c) Fazer parte de uma cooperativa ou associação nem facilita nem dificulta a exportação dos produtos.

31- Em sua opinião, baseada em sua experiência a burocracia no setor afeta negativamente a exportação?

- a) Sim.
- b) Não.

32- Caso tenha produtos assegurados pela lei de proteção de cultivares, tal lei facilita a exportação?

- a) Sim, impacta positivamente.
- b) Não, impacta negativamente.
- c) Não impacta

33- Você acredita que faltam incentivos governamentais à exportação da cadeia produtiva de plantas e flores ornamentais?

- a) Sim.
- b) Não.

34- Há algo mais que queira comentar sobre as dificuldades de se exportar flores e plantas ornamentais?